

Uma proposta cristã em tempos de pandemia: a opção preferencial de Jesus e o cuidado integral para uma comunidade em saída

Ana Carolina Stefanini Leone¹

Gabriela Serpa Bertazzoli Guzman²

Robert Soares do Nascimento³

Resumo: Este artigo é fruto da pesquisa dos autores⁴ a partir da atuação na Pastoral Universitária. Pretende-se demonstrar, por meio de pesquisa bibliográfica, a proposta cristã para este momento de Pandemia, a partir do magistério do Papa Francisco. O artigo destaca a ação pastoral do pontífice, que tem como primazia a opção preferencial de Jesus, que é pelos pobres. Busca-se, ainda, salientar a importância da Igreja em saída, que é missionária, apostólica e profética que, desde sua carta pastoral, a Exortação *Evangelii Gaudium*, e posteriormente na Encíclica *Laudato Si'*, Francisco não se esquivou em anunciar e denunciar a necessidade do cuidado integral com a Casa Comum, “a relação entre a natureza e a sociedade que a habita”. Por fim, reforça-se neste artigo a necessidade do cuidado, também como uma proposta evangélica para estes tempos de Pandemia. Além de alguns dados estatísticos sobre a Pandemia resgata-se pronunciamentos do Papa, como a *Urbi et Orbi* e a Encíclica *Fratelli Tutti*. Com isso pretende-se questionar a cada um se o olhar para este atual cenário está amparado nas propostas de Jesus.

Palavras-chave: Igreja em saída. Pandemia. Pastoral Universitária. Papa Francisco. Casa Comum.

INTRODUÇÃO

A Igreja, como já afirmado pelo Magistério, é “conhecedora da humanidade” (PAULO VI, 1967, n. 13), comprometida com a formação da consciência e, sem pretender de modo algum interferir na política dos Estados, “tem apenas um fim em vista: continuar, sob o impulso do Espírito consolador, a obra própria de Cristo, vinda ao mundo para dar testemunho da verdade, para salvar, não para condenar, para servir, não para ser servido”. Por isso, em tempos de pandemia, se torna ainda mais necessário um olhar atento da Igreja diante do cuidado integral e do sair-se de si para ir ao encontro do outro.

1 Mestra em Educação (UNISAL) e Assistente de Pastoral Universitária do UNISAL, Unidade Americana, ana.leone@unisal.br.

2 Mestranda em Educação (UNISAL) e Assistente de Pastoral Universitária do UNISAL, Unidade Campinas, gabriela.guzman@unisal.br.

3 Mestre em Educação (UNISAL) e Assistente de Pastoral Universitária do UNISAL, Unidade Americana, robert.nascimento@unisal.br.

4 Este artigo refere-se ao Capítulo 20 do livro “Educação Ambiental, Étnico-racial e em Direitos Humanos: políticas públicas e ações afirmativas”, com as devidas atualizações no que se refere aos números da Pandemia da Covid-19 (LEONE, Ana Carolina Stefanini; GUZMAN, Gabriela Serpa Bertazzoli; NASCIMENTO, Robert Soares do. Uma proposta cristã em tempos de pandemia: a opção preferencial de Jesus e o cuidado integral para uma comunidade em saída. In: SILVA, A. W. C.; GONÇALVES, E. A. C.; BALDIN JÚNIOR, S. A.. **Educação ambiental, étnico-racial e em direitos humanos: políticas públicas e ações afirmativas**. 1. ed. Americana-SP: Adonis, 2020. p. 349-363).

Jesus, durante toda a sua vida, foi o maior exemplo de que a opção preferencial de todos os cristãos, em consonância a Ele, é pelos mais pobres e excluídos social, cultural, econômica e religiosamente. Neste sentido, no texto, escrito por diversas mãos, percorreremos este caminho do olhar para a opção preferencial de Jesus por meio das Sagradas Escrituras e do Magistério da Igreja. Veremos a proposta de Francisco para uma Igreja missionária e apostólica/profética, e terminaremos com o olhar sobre a questão do cuidado, uma proposta evangélica em sintonia com os tempos de pandemia.

Preocupados em dar caminhos de entendimento para a essencialidade do olhar para o outro, e não apenas o olhar, mas o agir em defesa e bem estar do próximo, esta reflexão nos convida a nos aprofundarmos em alguns documentos da Igreja, como também falas e escritos do pontífice, Papa Francisco, para a compreensão de que, enquanto cristãos, é estritamente necessário, não apenas em tempos de pandemia, mas durante todo o tempo de nossa vivência o se colocar em ação em benefício daqueles que mais precisam.

1 UM OLHAR PARA A OPÇÃO PREFERENCIAL DA JESUS

*“Dirigindo o olhar aos discípulos, dizia-lhes:
Felizes os pobres, porque o reinado de Deus lhes pertence”.*
(Lc 6,20)

A afirmação é precisa: a opção preferencial de Jesus Cristo é o pobre. E isso basta. Contudo, é preciso delimitar a crucial diferença entre o pobre e a pobreza, situando um em função do outro. E as duas chaves que utilizaremos para a justificativa desta preferência profética se dão partir dos pressupostos de que: 1. o profeta é aquele que denuncia as injustiças, ao mesmo tempo em que 2. o amor cristão é uma decisão da vontade. E isto é essencial para percorrermos o caminho necessário para a compreensão da Sagrada Escritura, dos documentos e da tradição da Igreja.

Como forma de diferenciar seus discípulos daqueles que alimentam a lógica social excludente vigente em sua época, Jesus proclama as bem-aventuranças, servindo-se da atitude profética de anúncio e denúncia: anuncia as promessas do Reino e denuncia as injustiças. E é nessa passagem que a Igreja se inspira para seguir conforme a regra da justiça que, segundo a Doutrina Social da Igreja, é inseparável da caridade (PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ, 2004, n.171).

Afirmar que o pobre é a opção preferencial de Jesus Cristo não significa, em hipótese alguma, louvar a pobreza. Ao contrário, a Igreja denuncia os mecanismos que dão origem a ela e a alimentam, a partir do princípio da Destinação Universal dos Bens.

O princípio da destinação universal dos bens requer que se cuide com particular solicitude dos pobres, daqueles que se acham em posição de marginalidade e, em todo caso, das pessoas cujas condições

de vida lhes impedem um crescimento adequado. A esse propósito deve ser reafirmada, em toda a sua força, a opção preferencial pelos pobres (PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ, 2004, n.182).

Este princípio requer de todo cristão uma coerente responsabilidade social, que só é possível por meio da vivência da ética cristã. No início do sexto capítulo do Evangelho de Lucas, somos apresentados ao amor a partir de três elementos que compõem esta ética: 1. a prioridade dada à pessoa e não à lei (Lc 6,1-10); 2. a proclamação das bem-aventuranças (Lc 6,20-49); e 3. o anúncio da não-violência como estilo de vida (Lc 6,29).

A ética cristã, fundamentada no amor, implica um relacionamento de intimidade com Jesus Cristo, pois, ao anunciar a todos a herança de um mesmo Reino, Ele afirma que somos todos filhos de Deus e, portanto, irmãos. Nesse caso, não cabe nenhuma forma de violência ou exclusão. Ou seja, a caridade se faz presente na garantia da dignidade de todos os herdeiros do Reino.

A intimidade com Jesus gera em nós o desejo de nos conformarmos aos sentimentos Dele e, portanto, de sermos misericordiosos, fazendo as opções que Ele fez. A misericórdia, por sua vez, nos leva a nos colocarmos no caminho daqueles que deveríamos, hoje, amar com amor de predileção: negros, indígenas, mulheres, encarcerados, jovens, desempregados, comunidade LGBTQIA+, idosos, analfabetos, pobres⁵. Ou seja, os que sofrem com as injustiças, os que estão à margem da sociedade, os descartados pelo sistema não deveriam ser “objeto” de um amor de predileção.

Mais ainda, a misericórdia implica uma determinada forma de olhar para o outro. Trata-se de um olhar preferencial, com a profundidade do olhar de Jesus, capaz de restaurar a dignidade de cada um.

Ela [a caridade cristã] concerne a vida de cada cristão, enquanto deve ser imitação da vida de Cristo; mas aplica-se igualmente às nossas responsabilidades sociais e, por isso, ao nosso viver e às decisões que temos de tomar, coerentemente, acerca da propriedade e do uso dos bens. Mais ainda: hoje, dada a dimensão mundial que a questão social assumiu, este amor preferencial, com as decisões que ele nos inspira, não pode deixar de abranger as imensas multidões de famintos, de mendigos, sem-teto, sem assistência médica e, sobretudo, sem esperança de um futuro melhor (PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ, 2004, n.182).

5 Não corresponde à totalidade dos excluídos – é apenas uma representação do todo. Podemos entender que é uma lista passível de mudança. Corrobora com esta lista o que o Papa Francisco trata na Exortação *Evangelii Gaudium*, convidando-nos a reconhecer o “Cristo sofredor” (n. 210), assim como os Bispos Latino-americanos, no Documento de Aparecida, apresentam os “rostos daqueles que sofrem” (n. 65) e os “novos rostos pobres” (n. 402) resultados da globalização.

Portanto, a caridade cristã não se limita à doação de esmola ou campanhas pontuais que não alteram as estruturas. Este amor fraterno que nos coloca a serviço do outro nos instiga e responsabiliza a lutar por justiça social, a reconhecer nossas irmãs e irmãos como dignos da herança do Reino. É urgente que todo cristão se comprometa com a justiça social, rompendo com as lógicas excludentes e contrárias ao Evangelho, para que a esmola não seja mais necessária. A caridade nos leva a agir e, principalmente, a ser Igreja em saída, que não tem receio de fazer-se pobre para os pobres.

2 A PROPOSTA DE FRANCISCO PARA UMA IGREJA MISSIONÁRIA E APOSTÓLICA/ PROFÉTICA

Eu sou sempre uma missão; tu és sempre uma missão; cada batizada e batizado é uma missão. Quem ama, põe-se em movimento, sente-se impelido para fora de si mesmo: é atraído e atrai; dá-se ao outro e tece relações que geram vida (FRANCISCO, 2019).

“O meu povo é pobre e eu sou um deles”. Esta frase, repetida diversas vezes por Jorge Mario Bergoglio, nosso Papa Francisco, revela seu perfil de defensor daqueles que mais precisam, a opção preferencial pelos mais pobres, marca singular da Igreja latino-americana, sensível as questões sociais, propagador da misericórdia, da coragem apostólica e das portas abertas, ou a chamada Igreja em saída, que além de portas abertas vai ao encontro daqueles que mais precisam.

Em sua mensagem para o dia mundial das missões em outubro de dois mil e dezenove intitulada “batizados e enviados: a Igreja de Cristo em missão no mundo” nos recorda que em nosso batismo recebemos a fé na gratuidade:

O ato, pelo qual somos feitos filhos de Deus, sempre é eclesial, nunca individual: da comunhão com Deus, Pai e Filho e Espírito Santo, nasce uma vida nova partilhada com muitos outros irmãos e irmãs. E esta vida divina não é um produto para vender – não fazemos proselitismo –, mas uma riqueza para dar, comunicar, anunciar: eis o sentido da missão. Recebemos gratuitamente este dom, e gratuitamente o partilhamos (cf. *Mt* 10, 8), sem excluir ninguém. Deus quer que todos os homens sejam salvos, chegando ao conhecimento da verdade e à experiência da sua misericórdia por meio da Igreja, sacramento universal da salvação (cf. *1 Tm* 2, 4; 3, 15; Conc. Ecum. Vat. II, Const. dogm. *Lumen gentium*, 48) (FRANCISCO, 2019).

Francisco fala a todos aqueles que estão no mundo, sem qualquer tipo de distinção. Seu olhar teológico perpassa as pessoas e o planeta como unidade, um vislumbre de fé de que é preciso olhar para o todo, pois quando o humano esquece de seu humanismo, tudo a sua volta, o ambiente e as outras pessoas são afetados negativamente.

Na Encíclica *Laudato Si'* ele nos presenteia com uma discussão acerca da ecologia integral, a necessidade do cuidado com nossa Casa Comum, a relação íntima de que os problemas precisam ser olhados de vários lados, a dimensão humana, social, ecológica, tudo está interligado, e o movimento profético precisa olhar para todas estas dimensões enquanto a missão de anunciar o evangelho da fraternidade.

Quando falamos de “meio ambiente”, fazemos referência também a uma particular relação: a relação entre a natureza e a sociedade que a habita. Isto impede-nos de considerar a natureza como algo separado de nós ou como uma mera moldura da nossa vida. Estamos incluídos nela, somos parte dela e compenetramo-nos. As razões, pelas quais um lugar se contamina, exigem uma análise do funcionamento da sociedade, da sua economia, do seu comportamento, das suas maneiras de entender a realidade. Dada a amplitude das mudanças, já não é possível encontrar uma resposta específica e independente para cada parte do problema. É fundamental buscar soluções integrais que considerem as interações dos sistemas naturais entre si e com os sistemas sociais. Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental. As diretrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza (FRANCISCO, 2015, n.139).

A proposta apostólica de Francisco é ser Igreja em saída, a preocupação com o mundo que faz com que aconteça o seguimento da conversão missionária dos discípulos de Jesus, despertando a consciência da “*missio ad gentes*”, esta, sendo explicitada enquanto envio, anunciar a Boa Notícia, dialogando, servindo e testemunhando o anuncio de Jesus Cristo, se colocando à disposição em outras culturas, países, outras formas de pensamento, impulsionados pela transformação missionária da vida e da pastoral.

É a transformação da vida e da mentalidade do cristão, que segundo a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* diz que:

A missão é uma paixão por Jesus, e simultaneamente uma paixão pelo seu povo. Quando paramos diante de Jesus crucificado, reconhecemos todo o seu amor que nos dignifica e sustenta, mas lá também, se não formos cegos, começamos a perceber que este olhar de Jesus se alonga e dirige, cheio de afeto e ardor, a todo o seu povo. Lá descobrimos novamente que Ele quer servir-Se de nós para chegar cada vez mais perto do seu povo amado. Toma-nos do meio do povo e envia-nos ao povo, de tal modo que a nossa identidade não se compreende sem esta pertença (FRANCISCO, 2014, n.268).

O tomar a iniciativa para uma Igreja em saída é essência para ir ao encontro destes povos, principalmente daqueles que estão afastados e excluídos, oferecendo misericórdia que vem da experiência individual do sentir a misericórdia do Pai. Ofereceraquilo que tem de mais precioso, e dispor-se acompanhar na evangelização, com paciência, atenta aos frutos que surgem ao longo do processo, festejando em cada pequeno passo à vitória neste caminho de que se vai, se coloca a caminho e que dê frutos, e que o vosso fruto permaneça (Jo 15,16). “Com obras e gestos, a comunidade missionária entra na vida diária dos outros, encurta as distâncias, abaixa-se – se for necessário – até à humilhação e assume a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo no povo” (FRANCISCO, 2014, n.24).

É preciso realizar um itinerário para que a Igreja se torne missionária e profética, através do encontro pessoal com Jesus Cristo, presente na Eucaristia, na Palavra de Deus, na oração pessoal e comunitária, o Testemunho, as Formações baseadas na “*missio ad gentes*” e a Caridade missionária, valorizando as ações concretas de compromisso com os mais pobres e àqueles que se sentem mais afastados da pessoa de Jesus Cristo (FRANCISCO, 2017).

“O meu povo é pobre e eu sou um deles”. É compromisso da Igreja em sua totalidade a opção preferencial pelos mais pobres, buscando a libertação dos que são oprimidos e sofrem em nossa atualidade. É compromisso de vida de todos os cristãos preservarem a dignidade da pessoa humana, machucada em tantas esferas sociais, com problemas extremamente graves que a afetam, como a falta de um teto, a situação caótica nos setores de saúde, o descaso com a educação, o desemprego juvenil.

Evangelizadores com espírito quer dizer evangelizadores que rezam e trabalham. Do ponto de vista da evangelização, não servem as propostas místicas desprovidas de um vigoroso compromisso social e missionário, nem os discursos e ações sociais e pastorais sem uma espiritualidade que transforme o coração. Estas propostas parciais e desagregadoras alcançam só pequenos grupos e não têm força de ampla penetração, porque mutilam o Evangelho. É preciso cultivar sempre um espaço interior que dê sentido cristão ao compromisso e à atividade (FRANCISCO, 2014, n.262).

3 O CUIDADO: UMA PROPOSTA EVANGÉLICA EM SINTONIA COM OS TEMPOS DE PANDEMIA

Os tempos hodiernos reforçam o pedido de cuidado, clamam por solidariedade e empatia. Fomos acometidos, como humanidade, por uma Pandemia (COVID-19) que já matou milhões de pessoas no mundo⁶. No Brasil já foram mais de 515.000 (BRASIL. MINISTÉRIO

6 De acordo com os dados da Organização Mundial da Saúde o COVID-19 já matou 3.937.437 de pessoas pelo mundo – dados acumulados até 30 de junho de 2021 (tradução nossa) (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2021).

DA SAÚDE-COVID, 2021) mortes acumuladas desde o início⁷ da propagação em nosso território, o que nos tornou um dos maiores propagadores do vírus. Em números, quando se refere aos casos confirmados de contaminação somos o terceiro, ficando atrás dos Estados Unidos e Índia; quando se refere às mortes somos o segundo, ficando atrás somente dos Estados Unidos (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2021).

Ao mesmo tempo temos um número significativo de recuperados, seja no Brasil, seja mundialmente. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), 80% das pessoas infectadas se recuperam sem a necessidade de internação hospitalar (OPAS – OMS BRASIL, 2020). Este é um dado esperançoso. Mas o vírus é novo e estamos aprendendo como convivermos e sobrevivermos nesta realidade, por isso é importante recordar sempre que “As pessoas idosas e as que têm outras condições de saúde como pressão alta, problemas cardíacos e do pulmão, diabetes ou câncer, têm maior risco de ficarem gravemente doentes”, no entanto, reforça a OMS, “qualquer pessoa pode pegar a COVID-19 e ficar gravemente doente” (OPAS – OMS BRASIL, 2020).

Este é o cenário em que estamos inseridos e envolvidos de forma social, cultural, econômica e religiosa. Como diria o Papa Francisco “tudo está estreitamente interligado no mundo” (FRANCISCO, 2015, n.16). Esta interligação se demonstrou mais aflorada com este momento de pandemia. Por isso começamos este item recordando sobre a importância do cuidado, da solidariedade e da empatia.

A pandemia descobriu “as nossas falsas seguranças” e a nossa “incapacidade de agir em conjunto”, basta ver as diversificadas formas de respostas que os diversos países deram. Estamos “superconectados” mas ao mesmo tempo fragmentados na resolução dos problemas universais, ou seja, aqueles problemas em que todos são afetados (FRANCISCO, 2020, n.07). Somos a família humana, convidados a sonhar “como única humanidade, como caminhantes da mesma carne humana, como filhos desta mesma terra que alberga a todos, cada qual com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada qual com a própria voz, mas todos irmãos” (FRANCISCO, 2020, n.08).

A máxima de que “ninguém se salva sozinho”, pede de nós a recordação de “que só é possível salvar-nos juntos” (FRANCISCO, 2020, n.32). Em meio ao mar revolto, ao medo da tempestade (cf. Mc 4,35 ss), ela parece desmascarar

A nossa vulnerabilidade e deixa a descoberto as falsas e supérfluas seguranças com que construímos os nossos programas, os nossos projetos, os nossos hábitos e prioridades. (...) Com a tempestade, caiu a maquiagem dos estereótipos com que mascaramos o nosso “eu” sempre preocupado com a própria imagem; e ficou a descoberto, uma vez mais, esta (abençoada) pertença comum a que não nos podemos subtrair: a pertença como irmãos (FRANCISCO, 2020, n.32).

7 Segundo os dados do Ministério da Saúde do Brasil, o primeiro caso de Covid-19 no Brasil foi notificado em 26 de fevereiro de 2020 (cf. BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE-COVID, 2021).

Com esta demonstração de sofrimento em que passa a Casa Comum, o Planeta, os pobres, os mais fragilizados, são os primeiros a sentirem os efeitos, devido a uma íntima e estreita relação “entre os pobres e a fragilidade do planeta” (FRANCISCO, 2015, n.16).

A preocupação por um resgate às finanças e à economia não pode preceder a preocupação pela vidahumana, dom de Deus! Neste momento exigiu-se pensar o ser humano, todos, não só alguns poucos privilegiados (FRANCISCO, 2020, n.32). Esta economia deve estar a serviço da vida e não a serviço da exclusão e da desigualdade social, porque se assim estiver, ela mata (FRANCISCO, 2014, n.53). Ater-se a uma de suas tarefas fundamentais que “é a obtenção de um desenvolvimento integral e solidário para a humanidade, vale dizer, ‘promover todos os homens e o homem todo’” (PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ, 2004, n.373). O ser humano é o autor, meio e fim desta atividade econômica (PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ, 2004, n.331) e não objeto a ser usado por ela, que tem o capital como algo a ser idolatrado⁸.

O Papa Francisco é enfático:

A fragilidade dos sistemas mundiais perante a pandemia evidenciou que **nem tudo se resolve com a liberdade de mercado** e que, além de reabilitar uma política saudável que não esteja sujeita aos ditames das finanças, “devemos voltar a pôr a dignidade humana no centro e sobre este pilar devem ser construídas as estruturas sociais alternativas de que precisamos” (FRANCISCO, 2020, n.168) (grifo nosso).

Na mesma linha, faz-se necessário recordar o que disseram os bispos em Aparecida, que propõem entre as linhas de ações pastorais “denunciar a mentalidade neoliberal” (CELAM, 2009, n.463e) que acabam por destruir a convivência familiar.

Creemos que Deus não nos abandonou, pelo contrário, ele “continua a espalhar sementes de bem na humanidade”. Como a ação de tantos homens e mulheres que neste tempo de pandemia viveram sua entrega pessoal e profissional, demonstrando que entenderam que “ninguém se salva sozinho” (FRANCISCO, 2020, n.54). Isso é uma virtude, é esperança. É aquela esperança ousada, que “sabe olhar para além das comodidades pessoais, das pequenas seguranças e compensações que reduzem o horizonte, para se abrir aos grandes ideais que tornam a vida mais bela e digna. Caminhemos na esperança!” (FRANCISCO, 2020, n.55).

Esta esperança deve nos impulsionar. Levar-nos a crer que o cuidado com a Casa Comum e preferencialmente com os mais frágeis e vulneráveis, é um pedido de Jesus de Nazaré. Ao recordarmos a narrativa bíblica do “Bom Samaritano” (Lc10,25-37), vemos a necessidade de um cuidado integral, que ultrapassa as barreiras estatutárias, hierárquicas e burocráticas, mas olham o humano, os homens e mulheres caídos à beira do caminho. Vendo-os, sentimos compaixão? Cuidamos deles e delas? Queremos ser próximos a eles? Será uma

8 Para aprofundar o assunto sugerimos o texto “A crítica da idolatria do dinheiro: o fim da fronteira entre teologia moral, dogmática e estética”, do professor Jung MoSung (SUNG, 2020).

pena se as nossas barreiras ideológicas e de reducionismo intelectual nos levarem a passar ao lado, apenas ter dó ou seguir a diante, afinal “sempre” temos o que fazer, uma desculpa.

Há de se exigir uma postura coerente e integral, solidária e humanista, dos nossos líderes. É um processo educativo, afinal, cada vez que fizermos isso “a estes irmãos menores” (Mt 25,40) foi a Ele que fizemos.

CONCLUSÃO

A partir do que lemos, será que estamos verdadeiramente comprometidos com o mesmo olhar preferencial de Jesus Cristo?

Vimos que, em números, a pandemia nos trouxe um estado de alerta, bem como atenção às transformações abruptas e imediatas que tomaram a todos, além de intensificar dinâmicas excludentes e retroceder o acesso às conquistas que alguns grupos vinham atingindo. No mesmo cenário também vimos ações de esperança, como o cuidado e a solidariedade, próprias da Igreja em saída.

A fraternidade e a amizade social que Francisco propôs em sua Encíclica *Fratelli Tutti* vem como esperança para os tempos em que a Igreja vive, além de fomentar a prática cristã em todas as instâncias que o ser humano se encontra. E ainda, “a tribulação, a incerteza, o medo e a consciência dos próprios limites, que a pandemia despertou, fazem ressoar o apelo a repensar os nossos estilos de vida, as nossas relações, a organização das nossas sociedades e sobretudo o sentido da nossa existência” (FRANCISCO, 2020, n.33).

Para estarmos comprometidos com o mesmo olhar preferencial de Jesus Cristo, a caridade verdadeiramente cristã, devemos dar sentido ao nosso agir coerente perante as dores da humanidade. Se hoje ela chora como em dores de parto, temos que diagnosticar o verdadeiro sintoma com atenção, despertar em cada um o bom samaritano, que sente as dores daquele que sofre caído pelo caminho e que age para que ele se recupere, em uma perspectiva de construção de um mundo de justiça e paz.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. *Bíblia do Peregrino*. Tradução de Ivo Storniolo et al. São Paulo: Paulus, 2002.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE-COVID. COVID19: Painel Coronavírus. Atualizado em 29jun. 2021. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 30 jun. 2021.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE-COVID. *Casos Confirmados: casos novos de COVID-19 por data de notificação*. Atualizado em 13 out. 2020. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>.

CELAM. Conselho Episcopal Latino-Americano. *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 10. ed. Brasília: Ed. CNBB; São Paulo: Paulinas, Paulus, 2009.

FRANCISCO, Papa. *Angelus* do domingo 22 de outubro de 2017, proclamação de que em Outubro de 2019 seria o Mês Missionário Extraordinário. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2017/documents/papa-francesco_angelus_20171022.html. Acesso em 15 out. 2020.

FRANCISCO, Papa. *Carta por ocasião do Mês Missionário Extraordinário*, 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/missions/documents/papa-francesco_20190609_giornata-missionaria2019.html. Acesso em 15 out. 2020.

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Fratelli Tutti*. Sobre a fraternidade e a amizade social. Publicada em 03 de outubro de 2020. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_encyclica-fratelli-tutti.html#_ftnref9.

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Laudato Si'*. Sobre o cuidado da casa comum. Loyola: São Paulo, 2015.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium - A Alegria do Evangelho: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. 2. ed. São Paulo: Ed. Loyola; Paulinas, 2014.

LEONE, Ana Carolina Stefanini; GUZMAN, Gabriela Serpa Bertazzoli; NASCIMENTO, Robert Soares do. *Uma proposta cristã em tempos de pandemia: a opção preferencial de Jesus e o cuidado integral para uma comunidade em saída*. In: SILVA, A. W. C.; GONÇALVES, E. A. C.; BALDIN JÚNIOR, S. A.. Educação ambiental, étnico-racial e em direitos humanos: políticas públicas e ações afirmativas. 1. ed. Americana-SP: Adonis, 2020. p. 349-363.

OPAS-OMS BRASIL. Folha informativa COVID-19 - Escritório da OPAS e da OMS no Brasil. *Perguntas e Respostas*. Atualizada em 13 out. 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>.

PAULO VI, Papa. *Carta Encíclica Populorum Progressio*. Sobre o desenvolvimento dos povos. Publicada em 26 mar. 1967. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html#_ftnref17.

PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. Publicado em 2004. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html#_ftnref764.

SUNG, Jung Mo. A crítica da idolatria do dinheiro: o fim da fronteira entre teologia moral, dogmática e estética. In: ZACHARIAS, R.; MILLEN, M. I de C. (Orgs.). *A moral do Papa Francisco: um projeto a partir dos descartados*. Aparecida: Editora Santuário, 2020. p. 197-227.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Coronavirus Disease (COVID-19) Dashboard*. Updated 30 jun. 2021. Disponível em: <https://covid19.who.int/>. Acesso em: 30 jun. 2021.